

TÍTULO: A qualificação do Evangelizador Infante-Juvenil: reflexões e sugestões

AUTOR: Lucia Maria Moraes Moysés

INSTITUIÇÃO: Grupo Espírita "Amor e Caridade" - Niterói- RJ

OBJETIVO

Discutir a questão da formação do evangelizador espírita que atua junto a crianças e jovens; analisar a importância da constituição de equipes para atuar na Evangelização, confrontar modelos de treinamento e apresentar propostas para a implementação de mudanças no processo de qualificação.

DESENVOLVIMENTO

Os dirigentes responsáveis pelo trabalho de Evangelização Espírita Infante-Juvenil vêm registrando, nos últimos anos, um sensível interesse pela melhoria na qualificação das equipes encarregadas dessa tarefa. Multiplicam-se os cursos voltados para a formação e o aperfeiçoamento de evangelizadores; os diferentes tipos de encontros atraem parcelas cada vez maiores de interessados . Por outro lado, é crescente o número de publicações a esse respeito¹.

O presente trabalho volta-se para essa temática — a qualificação do evangelizador — , trazendo uma reflexão sobre o papel da competência doutrinária e técnica no processo de ensino-aprendizagem que subjaz à proposta da Evangelização de jovens e crianças. Parte dos seguintes pressupostos: a Evangelização Espírita Infante-Juvenil é tarefa de suma importância no Centro Espírita, que deve ser integrada às demais atividades da casa; para o pleno cumprimento dos seus objetivos, deve contar com a colaboração por parte dos dirigentes, no sentido de propiciar as condições necessárias ao seu desenvolvimento, tais como tempo, espaço e condições materiais de trabalho; atenção especial deve ser dada à qualificação das equipes encarregadas desse trabalho.

Levanta as seguintes questões:

- Como formar equipes de evangelizadores?

¹ Dentre as mais recentes podemos citar: ALVES, Walter. **A Educação do Espírito. Introdução à Pedagogia Espírita.** São Paulo: IDE, 1998 ; ALVES, Walter. **Prática Pedagógica na Evangelização. Conteúdo e Metodologia.** São Paulo: IDE,1998; BALIEIRO, Adalgiza Campos (org.) **Contribuições às reflexões sobre as Práticas Evangelizadoras da Infância.** São Paulo: USE, 1997; CASTRO, Teresa Leite. **Conversa com quem tem dever de educar.** Rio de Janeiro: CELD, 1998; INCONTRI, Dora. **A Educação segundo o Espiritismo.** São Paulo:FEESP, 1997; MELLO, Cléo de Albuquerque de. **Evangelize Contando Histórias.** Texto apresentado no Simpósio dre Espiritismo e Educação. Uberlândia, agosto de 1996.(mimeo); MOYSÉS, Lucia. **Conte outra história.** Capivari:EME, 1998

- Qual o caráter que deve ter essa equipe: transitório ou mais permanente?
- Que tipo de formação deve ser privilegiada nos cursos

Analisando-se o movimento da Evangelização Espírita Infante-Juvenil no Brasil, podemos distinguir dois momentos: um dos seus primórdios e outro que começa a se instalar nos últimos anos.²

O primeiro contou sobretudo com o concurso de abnegados colaboradores de boa vontade. Eram mães, avós, ou jovens que, a despeito de não terem, muitas vezes formação técnico-pedagógica, deram o melhor de si para que a Evangelização fosse implantada e tivesse continuidade até os dias atuais. E se hoje nós podemos falar em avanço nos paradigmas vigentes, é porque tais tarefeiros estiveram, ao longo dos anos, sustentando esse trabalho. Mas, com a expansão do movimento espírita no país, com a escolarização crescente da população e, principalmente, com a preocupação dos órgãos dirigentes com a formação do evangelizador, estamos chegando ao segundo momento. Começa-se a registrar uma tendência, traduzida em uma expectativa de atuação mais eficiente, por parte do evangelizador, tanto no que concerne aos conteúdos doutrinários, quanto aos aspectos técnico-pedagógicos. Grande parte dos quadros de evangelizadores é formada por professores formados.

A primeira consequência desse novo enfoque é a revisão do perfil do evangelizador. No que pese haver belas exceções, personificadas nas figuras honoráveis de autodidatas que, com amor e dedicação se transformaram em excelentes evangelizadores (a despeito da ausência de formação técnico-pedagógica), seria interessante que se atentasse para esse perfil. Sabemos das dificuldades que grande parte dos Centros Espíritas contam na formação de seus quadros de evangelizadores, no entanto, acreditamos que para a eficiência do trabalho, devem ser feitas tentativas no sentido de conseguir atrair para a Evangelização colaboradores comprometidos com a doutrina Espírita, e desejosos de investir na sua formação. Embora seja desejável que se tenham pessoas com formação técnico-pedagógica, não significa dizer que aqueles que dela carecem não possam vir a obtê-la mediante formação não-formal.

Insistimos na importância do conhecimento doutrinário, uma vez que constitui a base sobre a qual repousa todo o edifício da evangelização.³ Com a disseminação do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita já não há mais justificativa para se ter quadros despreparados a esse respeito. Sabemos que tal exigência pode impor limitações na constituição das equipes de evangelizadores. Entendemos, no entanto,

² O livro organizado por Adalgiza Balieiro, "Contribuições às reflexões sobre as Práticas Evangelizadoras da Infância" faz uma excelente abordagem a esse respeito.

³ Dentre as inúmeras obras da FEB, ver, **Currículo de Evangelização Espírita Infante-Juvenil**". Brasília, 1982; **A Evangelização da Infância e da Juventude na opinião dos Espíritos**. Separata de "O Reformador". Brasília, 1986.

que neófitos na Doutrina ou pessoas que ainda não contam com uma boa base de conhecimentos espíritas, deveriam, antes, obter tais conhecimentos. Enquanto se preparam, poderiam atuar como "auxiliares" junto às turmas, cumprindo um estágio, nos moldes do mundo do trabalho.

Reconhecemos que a constituição de quadros é, por vezes, difícil, mormente em Centros que nunca dispuseram de programas de Evangelização Espírita Infanto-Juvenil. Nesses, quando não há outra opção, seria desejável que, enquanto se trabalhasse com o que se tem, fossem providenciados os meios para que se alcançassem as condições ideais, em termos de formação. Tanto nesses casos, quanto naqueles nos quais o programa já vem sendo desenvolvido, mas seus quadros ainda carecem de uma melhor qualificação, insistimos sobre a necessidade de os evangelizadores freqüentarem cursos de Doutrina Espírita e de formação técnico-pedagógica.

Curiosamente, temos verificado que nas Casas onde a Evangelização Cristã Espírita Infanto-Juvenil já se encontra integrada às demais atividades, ela ganha visibilidade, chegando por vezes, a extrapolar dos seus restritos limites. São disto exemplos, a animação das equipes que contagia os demais tarefeiros, a produção das crianças e dos jovens que se estampam pelos murais da Casa; as tarefas sociais, as visitas, os passeios, as representações artísticas e tudo o mais que os jovens e as crianças fazem e que tanto encantam a quem os observa. Em tais ambientes, é comum nascer, entre seus freqüentadores e tarefeiros, o desejo de vir a integrar as equipes de evangelização, facilitando, assim, o seu trabalho de constituição.

Paralela à questão da formação, há uma outra que vem se constituindo em desafio para os que cuidam da Evangelização no nosso país: a da alta rotatividade dos evangelizadores. Ora, uma vez qualificadas as equipes, espera-se que elas ponham em prática o aprendido. Sabemos que é no exercício da prática que o conhecimento adquirido vai efetivamente sendo apropriado pelo professor; que é ainda, tal exercício, quem permite fazer os ajustes necessários à adaptação do ensino à realidade do aluno; enfim, é no fazer pedagógico que se cresce em autoconfiança e que se percebe quais são as novas necessidades de formação. Tudo isso, porém, é perdido quando novos evangelizadores vêm substituir os anteriores. Seria bom que se pudesse atentar para o motivo de tal ocorrência, buscando minimizá-la. É inegável que a manutenção das mesmas equipes permite que os ganhos da formação sejam continuamente aperfeiçoados. Além disso, favorece a acumulação de experiências. Um bom exemplo disto pode ser observado em relação às equipes mediúnicas, em geral mantidas constantes, por longos tempos.

Para que houvesse maior continuidade no trabalho, seria interessante que novos trabalhadores pudessem estar se agregando às equipes já formadas mediante um período de estágio, enquanto cuidavam da sua própria formação, conforme sugerimos anteriormente,

Passando à análise dos modelos de formação técnico-pedagógica do evangelizador, chamamos a atenção para um fato cuja ocorrência não se limita a esse segmento, mas que também se manifesta entre professores da escola básica. Trata-se da disseminação de cursos ou "treinamentos" cujo objetivo é "ensinar a fazer". Baseia-se na necessidade de se instrumentalizar o evangelizador para a execução das suas atividades junto aos alunos. Assim, há uma instância superior que prepara as aulas, fornece material, faz o planejamento, etc, cabendo-lhe o papel de simples executor. Esse modelo, bastante utilizado, vai ao encontro das necessidades do

evangelizador sem experiência e com conhecimentos doutrinários apenas superficiais. E mesmo entre os mais experientes, ele também é bem aceito pelas facilidades que oferece. Vemos nessa prática alguns pontos vulneráveis, como por exemplo, a de uniformizar procedimentos — prática que leva a ignorar as profundas diferenças que há entre os grupos, tratando-os como iguais —, além de favorecer a dependência e a acomodação do evangelizador. O mais grave, porém, no nosso entender, é que tal modelo acaba por levar o evangelizador a se despreocupar da necessidade de dominar o processo no qual está envolvido: o de ensino-aprendizagem.

Se a Casa conta somente com esse tipo de evangelizador e não dispõe de meios de levá-lo a se aperfeiçoar, não resta outra alternativa senão o uso desse modelo. Desejamos, no entanto, enfatizar que, com boa vontade, entusiasmo e compromisso com a evangelização das novas gerações, não será difícil abandoná-lo, substituindo-o por um outro no qual ênfase do processo de formação recaia no auto-aprimoramento. Implica busca gradativa de competência técnico-pedagógica, de tal sorte que, ao término de algum tempo, seja possível ao próprio evangelizador ser co-responsável pelo trabalho que desenvolve.

Há duas questões fundamentais que queremos trazer para análise ao tratarmos desse modelo. A primeira diz respeito a questão da iniciativa e responsabilidade pela formação; a segunda, à explicitação de quais deveriam ser os seus principais contornos teórico-práticos.

Ao longo dos anos, a Federação Espírita Brasileira, dando cumprimento à Campanha Permanente de Evangelização Espírita Infanto-Juvenil, tem honrando seu papel frente à qualificação dos evangelizadores, traçando diretrizes, oferecendo subsídios de toda ordem às Federativas Estaduais e essas, aos Centros Espíritas e a elas filiados (e, em muitos casos, até mesmo aos não adesos). Não se pode negar o valor dessas ações. Ainda que se mantenha tal esquema, sugerimos algumas modificações nas bases, isto é, na operacionalização dos cursos/ encontros/ treinamentos. Nossa proposta é que tais atividades levem o evangelizador a ser sujeito do próprio processo de aprendizagem a que está sendo submetido.

Para maior clareza, desejaríamos ilustrar com o relato sucinto de um tipo de trabalho que desenvolvemos (e continuamos a fazê-lo) em diferentes encontros com evangelizadores em terras fluminenses. Atuando junto a grupos que oscilaram entre 20 a 190 participantes, dos mais variados perfis, tínhamos como objetivos principais a mudança de percepção no seu papel de "treinando" e o despertar da sua consciência para o seu papel de co-responsável do planejamento das ações de evangelização. (Vale lembrar que as diretrizes curriculares mais amplas emanam dos órgãos responsáveis pela Evangelização, daí o termo "co-responsável")

Tal programação, cuja duração esteve em torno de 6 horas, concretizou-se em forma de Oficina. Com pequenas variações, sua estrutura obedeceu à seguinte ordem: uma atividade coletiva, inicial, de aquecimento, seguida de trabalho em grupo no qual era proposto a execução de atividades destinadas a evangelizando, cujas

metodologias constavam do material distribuído⁴ Tinham como ponto de partida uma história. Objetivavam concretizar conceitos espíritas, vivenciar sentimentos ou experienciar comportamentos e atitudes desejáveis. nenhuma atividade era desprovida de sentido, isto é, descolada dos seus objetivos. Tinham como suporte teórico a Teoria Sócio-histórica da Psicologia, uma teoria de cunho cognitivista.⁵ Há aqui um ponto que consideramos fundamental para a compreensão do que se passava nessas oficinas, ou seja, do ponto de vista da execução da tarefa, era solicitado ao evangelizador que se colocasse no papel do evangelizando. Do ponto de vista metodológico, porém, ele era instado a se ver como sujeito do processo de aprendizagem, analisando os processos cognitivos que estavam ocorrendo na sua mente, enquanto aprendia. E mais: pedia-se-lhe que não perdesse de vista o papel que a metodologia utilizada desempenhava na ocorrência de tais processos.

Pelo fato de trabalhar com proposição de atividades com os respectivos recursos metodológicos poder-se-ia depreender que tais oficinas em muito se assemelhavam ao modelo que tratamos anteriormente. Nada mais falso, no entanto. Muitas, são suas diferenças, sendo fundamental, o fato de se enfatizar, desde o início, que o principal tema da oficina era compreender como o homem elabora o conhecimento e não, como poder-se-ia depreender das atividades propostas, mais um encontro para conhecer novos recursos didáticos.

A realização prática desta proposta se fazia sentir na fase final do trabalho. Reunidos em um único grupo, os participantes eram levados, não só a analisar os processos cognitivos subjacentes às atividades por eles executadas, como também, a se auto-analisarem como sujeitos desse processo de aprendizagem, conforme já explicitamos.

Dessa forma, colocando-se ora no papel de evangelizando, ora no de evangelizador, vimos emergir, da sua própria reflexão, o conhecimento sobre o processo de aprender e, conseqüentemente de ensinar; vimos brotar a consciência de que o processo de aprendizagem é algo que precisa ter significado para o aprendiz e que a apreensão desse significado exige do evangelizador o conhecimento da realidade dos seus alunos. Nesse despertar vimos grande parcela de participantes chegarem à conclusão de que cada agrupamento de evangelizados tem características próprias, e por isso mesmo, cada um deve receber tratamento específico no que tange ao processo de evangelização. Registramos o início do superação do conflito cognitivo no qual se opunham o modelo do "evangelizador repassador" e o do "evangelizador co-responsável".

CONCLUSÃO

Voltando, então, à nossa questão principal, quer nos parecer que, se em atividades de tão curta duração, foi possível sensibilizar os evangelizadores para essa

⁴ Tais atividades encontram-se no livro de nossa autoria, intitulado "Conte outra história".

⁵ Teoria que teve em Vygotsky seu principal elaborador. (Vygotsky, 1984;1987)

mudança de percepção, não será difícil implantar a idéia de que, para ser o co-responsável do planejamento das ações de evangelização, é preciso que se tenha domínio teórico-metodológico no campo pedagógico, além, é claro, no doutrinário, o que requer investimentos sistemáticos na sua formação.

Apresentamos, a seguir, algumas proposições, baseadas na convicção que temos de que há, entre os evangelizadores, um incontável número dos que já se curvaram à evidência de que a busca pelo auto-aprimoramento é uma via segura para garantir um melhor desempenho na sua tarefa junto às crianças e aos jovens.

- Que os órgãos regionais das Federativas Estaduais propusessem ações de formação de evangelizadores privilegiando o conhecimento de teorias cognitivas da aprendizagem. Nós, particularmente, sugerimos a Teoria Sócio Histórica da Psicologia por entendermos que dá os suportes necessários à compreensão dos processos mentais envolvidos na aprendizagem, ao mesmo tempo em que considera o aprendiz como um ser sócio-histórico e não uma abstração, descolada da realidade.

- Que nessas ações também fossem organizadas Oficinas regionais ou mesmo locais, nas quais os participantes fossem incentivados a elaborarem técnicas e recursos didáticos voltados para a sua própria realidade, ainda que tomando por base materiais já existentes, em um movimento de troca de práticas e experiências.

- Que também os Departamentos de Infância e Juventude das Federativas Estaduais criassem e mantivessem em funcionamento Oficinas permanentes (que poderiam ser também itinerantes) voltadas para a sensibilização dos evangelizadores. Este seria um espaço destinado a que favorecer o seu auto-conhecimento, o despertamento da sua consciência para assumir esse novo papel que dele se espera. Seria enfim, um espaço voltado para o seu encontro com o próximo e consigo mesmo.

- Que, nas Casas Espíritas, os encarregados da Infância e Juventude, por sua vez, incentivassem as equipes de evangelizadores a elaborarem seus próprios planejamentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Walter. A Educação do Espírito. Introdução à Pedagogia Espírita. São Paulo: IDE, 1998

_____. Prática Pedagógica na Evangelização. Conteúdo e Metodologia. São Paulo: IDE, 1998.

BALIEIRO, Adalgiza Campos (org.) Contribuições às reflexões sobre as Práticas Evangelizadoras da Infância. São Paulo: USE, 1997

CASTRO, Teresa L. Conversa com quem tem o dever de educar. Rio de Janeiro: CELD, 1998

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. Currículo de Evangelização espírita Infanto-Juvenil. Brasília, 1982.

_____. A Evangelização da Infância e da Juventude na opinião dos Espíritos.
Separata de O Reformador. Brasília, 1986.

INCONTRI, Dora. A Educação segundo o Espiritismo. São Paulo:FEESP, 1997

MELLO, Cléo de Albuquerque de. Evangelize Contando Histórias. Texto apresentado
no Simpósio de Espiritismo e Educação. Uberlândia, agosto de 1996.(mimeo)

MOYSÉS, Lucia. Conte outra história. Capivari:EME, 1998

VYGOTSKY, Lev. Formação Social da Mente. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

_____. Pensamento e Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1987.